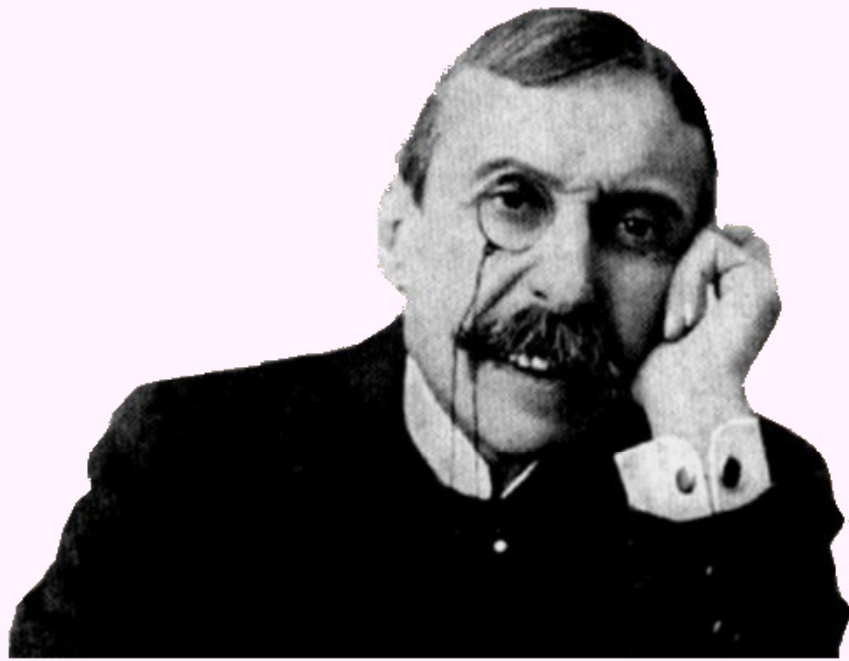


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Eça de Queirós
Textos Jornalísticos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Eça de Queirós

Textos Jornalísticos

Publicados no Jornal "O Distrito de Évora", a partir de 1866.

**José Maria de Eça de Queirós
(1845 – 1900)**

"Projeto Livro Livre"

Livro 115



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Eça de Queirós: “*Textos Jornalísticos*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

José Maria de Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, numa casa da Praça do Almada na Póvoa de Varzim, no centro da cidade; foi batizado na Igreja Matriz de Vila do Conde. Filho de José Maria Teixeira de Queirós, nascido no Rio de Janeiro em 1820, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção em 1826. O pai de Eça de Queirós, magistrado e par do reino, convivia regularmente com Camilo Castelo Branco, quando este vinha à Póvoa para se divertir no Largo do Café Chinês.

Eça de Queirós foi batizado como “filho natural de José Maria d'Almeida de Teixeira de Queirós e a mãe era Carolina Augusta Pereira de Eça”.

Uma das teses para tentar justificar o fato dos pais do escritor não se terem casado antes do nascimento deste sustenta que Carolina Augusta Pereira de Eça não teria obtido o necessário consentimento da parte de sua mãe, já viúva do coronel José Pereira de Eça. De fato, seis dias após a morte da avó que a isso se oporia, casaram-se os pais de Eça de Queirós, quando o menino tinha quase quatro anos. Eça por sua vez apresenta episódios incestuosos em criança relatados no diário de sua prima. Por via dessas contingências foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem ficou até passar para a casa de Verdemilho em Aradas, Aveiro, a casa da sua avó paterna. Nessa altura, foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu em 1861, com dezesseis anos, para a Universidade de Coimbra, onde estudou Direito. Além do escritor, os pais teriam mais seis filhos.

O pai era magistrado, formado em Direito por Coimbra. Foi juiz instrutor do célebre processo de Camilo Castelo Branco, juiz da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça, presidente do Tribunal do Comércio, deputado por Aveiro, fidalgo cavaleiro da Casa Real, par do Reino e do Conselho de Sua Majestade. Foi ainda escritor e poeta.

Em Coimbra, Eça foi amigo de Antero de Quental. Os seus primeiros trabalhos, publicados avulso na revista "Gazeta de Portugal", foram depois coligidos em livro, publicado postumamente com o título *Prosas Bárbaras*.

Em 1866, Eça de Queirós terminou a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e passou a viver em Lisboa, exercendo a advocacia e o jornalismo. Foi diretor do periódico *O Distrito de Évora* e colaborou em publicações periódicas como a *Feira da Ladra* (1929-1943), *A imprensa* (1885-1891) e *Ribaltas e gambiarras* (1881). Porém, continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida. Mais tarde fundaria a *Revista de Portugal*.

Em 1869 e 1870, Eça de Queirós fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (de 23 de outubro de 1869 a 3 de janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro, tendo assistido no Egito à inauguração do canal do Suez: os jornais do Cairo referem “Le Comte de Rezende, grand amiral de Portugal et chevalier de Queirós”. Visitaram, igualmente, a Palestina. Aproveitou as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais: *O mistério da estrada de Sintra*, em 1870, e *A relíquia*, publicado em 1887. Em 1871, foi um dos participantes das chamadas Conferências do Casino.

Em 1870 ingressou na Administração Pública, sendo nomeado administrador do concelho de Leiria. Foi enquanto permaneceu nesta cidade, que Eça de Queirós escreveu a sua primeira novela realista, *O Crime do Padre Amaro*, publicada em 1875.

Tendo ingressado na carreira diplomática, em 1873 foi nomeado cônsul de Portugal em Havana. Os anos mais produtivos de sua carreira literária foram passados em Inglaterra, entre 1874 e 1878, durante os quais exerceu o cargo em Newcastle e Bristol. Escreveu então alguns dos seus trabalhos mais importantes, como *A Capital*, escrito numa prosa hábil, plena de realismo. Manteve a sua atividade jornalística, publicando esporadicamente no *Diário de Notícias*, em Lisboa, a rubrica “*Cartas de Inglaterra*”. Mais tarde, em 1888 seria nomeado cônsul em Paris.

Seu último livro foi *A Ilustre Casa de Ramires*, sobre um fidalgo do século XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem. É um romance imaginativo, entremeado com capítulos de uma aventura de vingança bárbara que se passa no século XII, escrita por Gonçalo Mendes Ramires, o protagonista. Trata-se de uma novela chamada *A Torre de D. Ramires*, em que antepassados de Gonçalo são retratados como torres de honra sanguínea, que contrastam com a lassidão moral e intelectual do rapaz.

Aos 40 anos casou com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto, Antônio, José Maria e Maria.

Morreu em 16 de Agosto de 1900 na sua casa de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris. Teve funeral de Estado, estando sepultado em Santa Cruz do Douro.

Foi também o autor da *Correspondência de Fradique Mendes* e *A Capital*, obra cuja elaboração foi concluída pelo filho e publicada, postumamente, em 1925. Fradique Mendes, aventureiro fictício imaginado por Eça e Ramalho Ortigão, aparece também no *Mistério da Estrada de Sintra*. Seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas.

Obras: O Mistério da Estrada de Sintra (1870), O Crime do Padre Amaro (1875), A Tragédia da Rua das Flores (1877-78), O Primo Basílio (1878), O Mandarim (1880), As Minas de Salomão (1885) (tradução), A Relíquia (1887), Os Maias (1888), Uma Campanha Alegre (1890-91), O Tesouro (1893), A Aia (1894), Adão e Eva no paraíso (1897), Correspondência de Fradique Mendes (1900), A Ilustre Casa de Ramires (1900), A Cidade e as Serras (1901, póstumo), Contos (1902, póstumo), Prosas Bárbaras (1903, póstumo), Cartas de Inglaterra (1905, póstumo), Ecos de Paris (1905, póstumo), Cartas familiares e bilhetes de Paris (1907, póstumo), Notas contemporâneas (1909, póstumo), Últimas páginas (1912, póstumo), A Capital (1925, póstumo), O Conde de Abranhos (1925, póstumo), Alves & Companhia (1925, póstumo), Correspondência (1925, póstumo), O Egito (1926, póstumo), Cartas inéditas de Fradique Mendes (1929, póstumo), Eça de Queirós entre os seus - Cartas íntimas (1949, póstumo).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

TEXTOS JORNALÍSTICOS

JORNAL “O DISTRITO DE ÉVORA”: 6 DE JANEIRO

A crônica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexos; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das modas, dos enfeites, fala em tudo, baixinho, como se faz ao serão, ao braseiro, ou ainda de verão, no campo, quando o ar está triste. Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crônica tem uma doçura jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e atores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; está aqui, nas suas colunas, cantando, rindo, pairando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando.

A crônica é como estes rapazes que não tem morada sua e que vivem no quarto de seus amigos, que entram com um cheiro de primavera, alegres, folgazões, dançando, que nos abraçam, que nos empurram, que nos falam de tudo, que se apropriam do nosso papel, do nosso colarinho, da nossa navalha de barba, que nos marcam, que nos fatigam mesmo e, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudades.

JORNAL “O DISTRITO DE ÉVORA”: 17 DE FEVEREIRO

A crônica, hoje um pouco enfastiada, vendo-se sem notícias, sem horrores ou maravilhas a contar, sem que haja um amigo que tenha a abnegação de se matar para lhe dar dez linhas de original, uma mulher que se deixe raptar, para dar meia coluna, vendo o tempo chuvoso, vento, frio, vai pelos seus colegas do jornalismo, escutando por entre as colunas, espreitando pelos noticiários, arregalando os olhos para o mais pequeno artigo, a ver se encontra um fato interessante ou mesmo somente assombroso. Mas não encontra nada; o jornalismo português anda profundamente distraído. Não sei o que ele tem que o aflige, o caso é que, quando aparece, é desalinhado no fato, magro, sem

graça, sem bom senso, esquisito e aborrecido. Julga-se que, no seu quarto, ele e afável, jovial, galhofeiro, letrado, eloquente, erudito; porém, quando vem para a luz do dia, vem despido destas belas e nobres qualidades. E simplesmente maçador e desengraçado. Nem uma anedota, nem um escândalo inocente, nem um enredo de comédia, nem uma mentira. Porém, a mentira acabou. Dantes sim, ainda havia uma mentira geral que tinha representantes por esse mundo a quem se chamavam mentirosos; hoje não, nada há. A mentira é filha do espírito, e morreu com seu pai.

21 DE FEVEREIRO

O ar está belo, o céu límpido, a temperatura afável: nestes dias a crônica torna-se contemplativa e mergulha-se na natureza. Porque digamos uma suprema e inatacável verdade: a crônica é de combate; há muita gente que se persuade que estas futilidades que se chamam crônica, folhetim, noticiário, variedades, não tem importância num jornal político, não pesam na opinião, não atacam e não combatem. É um erro. Num jornal de oposição a coisa que mais incomoda o governo é a crônica: ela é que é temida, evitada e seduzida; nos países bárbaros e pouco conhecidos, onde o jornalismo é uma especulação, e como tal comprado e vendido, um governo que na sua política procede por corrupção, a primeira coisa que faz é comprar os vários cronistas, folhetinistas, noticiaristas, escritores de variedades, os amenos, como se diz.

E tem razão: a crônica é para o jornalismo o que a caricatura é para a pintura: fere, rindo; espedaça, dando cambalhotas; não respeita nada daquilo que mais se respeita; procede pelo escárnio e pelo ridículo; e o ridículo em política é de boa, é de excelente guerra.

O reinado de Luis Filipe foi demolido, não pelos jornais, nem pela democracia, nem pelos socialistas, nem pelos filósofos, nem pelas revoluções foi demolido pela caricatura.

A caricatura, como a crônica, é uma arma terrível; ataca mais perversamente e defende-se com inocência: dá uma grande punhalada, depois toma um ar de candura e fica-se, toda risonha, fazendo acenos e afagos; e depois, como se há de combater se está estabelecido nos costumes que ela não pode ser tomada a sério? Assim, por exemplo, vá lá um governo conter pelos meios parlamentares a crônica dum jornal que revelou que o ministro de tal tinha a omoplata disforme? E impossível. Ela não respeita nada, e fala nas cousas que o indivíduo mais ama.

Um ministro, por exemplo, abre um jornal: lê o artigo de fundo, boceja; o artigo ataca-o: diz que ele vai levando a pátria ao abismo, que esbanja a fortuna pública, que é amaldiçoado pelas almas honestas, etc. O ministro boceja; ele ouve aquilo todos os dias, está cansado de escutar e sorri-se, cumprimentando, quando alguém lho vem bradar. Por isso não se altera. Mas passa adiante; na política estrangeira, também boceja; lê correspondência do Reino em que o fulminam: boceja; então passa a crônica, lê, lê mais, lê avidamente, dá um pulo, empalidece, dá um grito, esmorece, sufoca-se, passeia furioso: o que viu? Eu sei? qualquer cousinha: viu-se descrito, com o nariz bicudo e joanetes nos pés; vê a notícia de que no seu último jantar várias pessoas tinham encontrado bichos nos legumes, e outros, cabelos na *omelette*, pelo que um cavalheiro lhe bradou:

- Sr. Ministro, eu gosto das *omelettes* calvas!

Vê-se mais acusado de trazer chinó, e de não lavar a cabeça, e de se deixar espancar pela mulher. etc. Aquele homem, que a artigo de fundo não abalou, foi fulminado pela própria crônica. Daí, manda imediatamente comprar o cronista; e daí, o cronista manda-se imediatamente vender. Isto, nos países bárbaros. Entre nós, não.

Depois, a crônica tem estas vantagens sobre o artigo de fundo: é mais lida; o artigo de fundo é apenas lido por três sectárias, por cinco caturras, por duas conselheiras velhas; [não] faz rir; o artigo de fundo não tem esta qualidade: faz, quanto muita, sorrir, por ver bradar um homem no deserto.

O artigo de fundo parece um excêntrico caturra, velho filósofo que fosse para um baile de mascaras e começasse bradando, com gesto trágico, e com voz cava, um sermão aconselhando a moral, a quietação da alma, a serenidade do espírito, a virgindade do carpa e isto entre os gritos, as chufas, a música, o canto, os empurrões, os beijos, todas as doidices, todas as jovialidades.

A crônica, essa, parece-me uma robusta e amável rapariga, moral e severa, que fosse para o mesmo baile de mascaras, mas, em lugar de fazer prédicas de moralidade, se misturasse com a dança, e, metendo a ridículo, separando os pares, escarnecendo, apagando as luzes, espancando a polícia, picando com alfinetes as damas e arrancando os bigodes aos cavalheiros, pusesse todo o baile em debandada e conseguisse extinguir a orgia. Era assim que se podia conseguir que findasse a loucura.

Como o velho queria, não. Isso conseguia que começasse o tédio.

Isto vem para dizer que hoje a crônica tencionava encetar esta vida de ataque, de ironia, de fugida galharda; mas viu o céu tão lindo, o ar tão puro, a

temperatura tão afável, que se foi a tomar um longo banho de sol e de azul, esquecendo a política e as ambições da terra.

POLÍTICA ESTRANGEIRA E MOVIMENTO INTERNACIONAL: 6 DE JANEIRO

A moderna época política da Europa é uma luta de velhas tradições e novas renascenças: ao lado de enérgicas defesas católicas, de cruzadas papais e clericais, ha uma profunda critica filosófica, que reduz as velhas superstições e lendas históricas; ao mesmo tempo que ha territórios violentados, conflitos trágicos de exércitos, armamentos sinistros, um espírito de guerra aceso e atuante, o princípio de conquista, de guerra e do heroísmo é aniquilado pela filosofia e pela história. E uma época sem nome como a de Apuleio. Nem e o direito divino, nem o direito popular, nem é a política monárquica da passividade, nem a ideia democrática com a sua anarquia individual e desassombrada expansão das almas; nem é a política em que Os territórios hão de ter uma justa e fecunda importância, e o individualismo há de enfraquecer pela dispersão de forças, nem a política em que os territórios nada eram e as individualidades poderosas riscavam as sociedades no vazio; nem é a política egoísta pela qual uma nacionalidade se encolhe nas suas fronteiras, sem ligação moral com as outras pátrias, nem política humanitária, em que as ragas se unem. E um embate de sistemas, de políticas, de filosofias, onde, apesar do espírito burguês de mercancia e lucro, dos feudalismos financeiros, da concentração de forças, das raças martirizadas, da Irlanda chorosa, da Polônia crucificada, da Cândia e da Grécia dilaceradas, o princípio tirânico do dogma, da tradição, da autoridade, se vai apagando como a efígie duma moeda velha.

O DISTRITO DE ÉVORA - POLÍTICA NACIONAL: 10 DE JANEIRO

Há no mundo uma raça de homens com instintos sagrados e luminosos, com divinas bondades do coração,, com uma inteligência serena e lúcida, com dedicações profundas, cheias de amor pelo trabalho e de adoração pelo bem, que sofrem, que se lamentam em vão.

Estes homens são o Povo.

Estes homens, sob o peso do calor e do sol, transidos pelas chuvas, e pelo frio, descalços, mal nutridos, lavram a terra, revolvem-na, gastam a sua vida, a sua forca, para criar a pão, o alimento de todos.

Estes são o Povo, e são os que nos alimentam.

Estes homens vivem nas fábricas, pálidos, doentes, sem família, sem doces noites, sem um olhar amigo que os console, sem ter o repouso do corpo e a expansão da alma, e fabricam . O linho, o pano, a seda, os estofos.

Estes homens são o Povo, e são os que nos vestem.

Estes homens vivem debaixo das minas, sem o sol e as doçuras consoladoras da Natureza, respirando mal, comendo pouco, sempre na véspera da morte, rotos, sujos, curvados, e extraem o metal, o minério, o cobre, o ferro, e toda a matéria das indústrias.

Estes homens são o Povo, e são as que nos enriquecem.

Estes homens, nos tempos de lutas e de crises, tomam as velhas armas da Pátria e vão, dormindo mal, com marchas terríveis, a neve, a chuva, ao frio, nos calores pesados, combater e morrer longe dos filhos e das mães, sem ventura, esquecidos, para que nós conservemos o nosso descanso opulento.

Estes homens são o Povo, e são os que nos defendem.

Estes homens formam as equipagens dos navios, são lenhadores, guardadores de gado, servos mal retribuídos e desprezados.

Estes homens, são os que nos servem.

E o mundo oficial, opulento, soberano, o que faz a estes homens que o vestem, que o alimentam, que o enriquecem, que o defendem, que o servem?

Primeiro, despreza-os não pensa neles, não vela por eles; trata-os como se tratam os bois; deixa-lhes apenas uma pequena porção dos seus trabalhos dolorosos; não lhes melhora a sorte, cerca-os de obstáculos e de dificuldades; forma-lhes em redor uma servidão que os prende e uma miséria que os esmaga; não lhes dá proteção; e, terrível coisa, não os instrui: deixa-lhes morrer a alma.

E por isso que os que tem coração e alma, e amam a Justiça, devem lutar e combater pelo Povo.

E ainda que não sejam escutados, tem na amizade dele uma consolação suprema.

10 DE JANEIRO

Está aberto o Parlamento e, sem dúvida, breve hão de começar os primeiros debates.

E grande a ansiedade porque o horizonte político se apresenta grandemente nublado.

Segundo se afirma, o governo conta com grande maioria numérica, mas diz-se também que o grande número é o indício de pequena força.

A oposição tem querido organizar-se, não sabemos se o conseguiu: composta, como até aqui, de elementos dispersos, fraca resistência poderá oferecer aos atos do gabinete.

Todavia, a opinião pública parece reprovar alguns destes, que parecem de grande responsabilidade.

O discurso do trono foi pródigo de promessas de melhoramentos! Muito e muito desejamos que, assim como o discurso de abertura não deixou inda este ano de ser um pomposo programa, ao menos ofereça depois a magnífica novidade de ser pontualmente cumprido.

A Nação crê hoje muito pouco nos programas, tem-na conduzido a essa descrença continuadas e repetidas desilusões!

O DISTRITO DE ÉVORA - COMÉDIA MODERNA: 24 DE JANEIRO

Meu amigos: - Acordo numa adorável manhã, em véspera de fazer viagem. O ar está diáfano e tem uma leve cor miosótis passam pequenas neblinas adelgaçadas - é vago orvalho cheio de reflexos e, ao longe, o grande sol começa a desprender-se das névoas, dos vapores, das exalações subidas, como um antigo deus que se despisse dos seus véus. Bela manhã para viagem!

Agora, em toda a parte sobre um tombadilho, na imperial duma diligência, a cavalo, a pé pelos caminhos, de todo o modo, se sentia o espírito alegre, o coração leve, o ar consolador, o sol fecundo, e Deus bom.

São estas as belas, as divinas, as brancas manhãs para se tomar um cajado, um saco, e ir pelos campos, pelas serras, pelos vales, para toda a parte, para Espanha, para a Itália, para a Suíça, ver mundo, climas novos, outras estrelas, novas festas do céu. Felizes os que o podem fazer!

Eu nunca compreendi as viagens senão a pé; os caminhos-de-ferro, os vapores, são conduções cômodas para o homem considerado como mala. Todos o

sabem: metido num *wagon*, o homem mais independente mais ativo, mais anárquico de espírito, olha-se para si e sente a sua individualidade arrastada, acomodada, transportada, a vaga semelhança dum baú. E sofre. Mas o viajante a pé!

Tem-se feito tantos e tão fastidiosos ditirambos ao viajante a pé que eu não digo mais nada.

Ah! não; digo só uma cousa: Manuel Eduardo era um viajante a pé.

Não sabem decerto de quem falo. Manuel Eduardo era um rapaz, camarada meu, moço melancólico, um tanto excêntrico, um tanto estouvado, um tanto estadista, mas mais polichinelo ainda, que perdia tudo - as botas, o dinheiro, o fato, as malas, os amigos, e só duas cousas nunca conseguiu perder: a honra e a mocidade.

Era um tipo. Morreu há pouco no Norte, na Dinamarca, chorando por não poder ver ainda o seu belo sol, o ar do Sul, a cor meridional. Tinha ido para a Dinamarca, por estroinice, um dia, depois dum almoço em que se tinha falado na fria beleza das mulheres de Estocolmo, nos pés imensos dos dinamarqueses, e sobretudo no Rei da Dinamarca, burguês feudal que se levanta da mesa com o guardanapo na mão para vir dar audiência aos camponeses seus rendeiros,

Isto despertou-lhe a curiosidade de ver o Rei da Dinamarca, dirão talvez. Não senhor: de ver o cozinheiro do Rei da Dinamarca. Os seu amigos viram aquela nova loucura, com tristeza, com pena, com cuidado, porque Manuel, segundo o seu estilo de viagem, queria ir a pé. Meditava peregrinações e aventuras de largo caminho; tinha um piano pomposo: viajar de noite, com os estudantes, pela Alta Alemanha, embarcar no Mar do Norte, estudar a vida dos pescadores daquela costa, saber-lhes as tradições, decorar-lhes as legendas, viver algum tempo nas cabanas, e depois, numa barca de pesca, atravessar, com maresia e vento de travessia, o perigoso Mar do Norte.

O pobre rapaz teimou e foi; por infelicidade, Manuel Eduardo era rico.

Um rico negociante, de justa probidade e enérgico carácter, o Sr. M. F., administrava-lhe a sua fortuna. Era uma tutela obsequiosa e fecunda. Manuel Eduardo adorava aquele reto administrador, e dizia sempre: é ao maçador zelo do F. que eu devo o meu belo desleixo.

Mas, quando foi da viagem a Dinamarca, o Sr. M F. opôs-se; e opôs-se com a aspereza de pai, com a honradez de administrador e com a melancolia de amigo. Manuel Eduardo estava um pouco doente do peito e aquele clima áspero e impiedoso podia matá-lo por lá, solitário, sem cuidados, sem

dedicações que o cercassem, sem corações que o robustecessem. Tudo foi inútil. Partiu.

Na véspera ceamos juntos, uns poucos de amigos de Manuel Eduardo. Consultou-nos então sobre o itinerário: o desgraçado tinha tido o plano de ir a Dinamarca pela América.

Nessa noite - ou pressentimento ou acaso - Manuel Eduardo estava duma melancolia dolorosa. Ao fim da ceia recitou, quase chorando, aquele soneto de Gerard de Nerval:

Je suis le ténébreux, le veuf, l'inconsolé, etc.

Ele adorava Gerard de Nerval, e dizia sempre: o nosso Gerard. De feito, eram dois espíritos semelhantes: o mesmo desleixo prático, a mesma bondade infatigável, o mesmo sentimento de dedicação, a mesma poesia na alma, a mesma alegria no espírito, o mesmo iluminismo suave, a mesma tristeza, o mesmo coração apaixonado, o mesmo amor das viagens, a mesma inquietação constante e indefinida.

Depois tornou-se duma alegria doida: quis dançar, cantar, beber, fumar, recitar, fazer tragédias; ao fim da noite, começou a explicar-nos o Mar do Norte: ele conhecia-o pelas baladas de Henri Heine. Recitou-as, quase chorando.

A noite passou-se assim, bebendo, brincando, pensando, entristecendo-nos.

À saída, encontramos-nos com um velho amigo de Manuel Eduardo. Foi direito a ele e deu-lhe mudamente um grande abraço.

No outro dia partiu Manuel Eduardo para a Dinamarca.

Nunca mais o tornamos a ver.

Mas para que vim eu com esta história?

Eu sei: Caprichos da manhã.

E agora vou-lhes contar o que é; mas não, não. Eu não posso falar-lhes em mais nada depois de lhes ter falado de Manuel Eduardo.

A.

Z.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014